

OS CÉLEBRES Salões de Arte podem voltar à cidade: há divergências entre os artistas. Mesmo assim... Diário do Povo, Campinas, 12 fev. 1984.

Os célebres Salões de Arte podem voltar à cidade

Há divergências entre os artistas. Mesmo assim...

Uma pequena mostra do que foram os famosos Salões de Arte Contemporânea de Campinas, realizados de 1965 a 1977, na cidade, será inaugurada no Museu de Arte Contemporânea José Pancetti, no próximo dia 15, com exposição de quadros pertencentes ao acervo do museu e ainda com projeção de slides de outras obras. A exposição vai até o dia 29 e poderá ser vista de segunda a sexta-feira das 8 às 21h00 e aos sábados das 10h00 às 12h00 e das 14h00 às 18h00.

O salão de Arte Contemporânea de Campinas chegou a ser considerado, na década de 70, o acontecimento de artes plásticas mais importante do País. Desde o surgimento do primeiro salão, em 1965, até a controvertida interrupção, em 1977, com o XI Salão, estas mostras se caracterizam pelo não convencional, pelo seu espírito de modernidade, trazendo para a cidade o que havia de mais inovador no campo das artes visuais do Brasil.

Os motivos apontados por artistas plásticos e pessoas ligadas à organização dos salões para a sua não continuidade, a partir de 77, são os mais diversos; falta de iniciativa ou impossibilidade financeira do poder municipal; divergências de idéias entre veteranos e jovens artistas no que se refere aos moldes em que se deveriam dar os próximos encontros; ou até mesmo a alegação de que aquele fora um fim natural, um esvaziamento, onde o passo seguinte seria um passo decadente.

A volta este ano

De qualquer forma, depois de seis anos de ausência, volta-se a falar no Salão de Arte Contemporânea e o XII Salão, em 84, se tornou meta prioritária da Secretaria Municipal de Cultura. Mas, segundo Dione Rodrigues Tibiriçá, que durante quinze anos trabalhou no Museu de Arte Contemporânea e participou da execução de todos os salões, se a pretensão é de se fazer, neste ano, o XII Salão, "é necessário que se inicie agora os trabalhos de organização, porque é uma coisa muito morosa e exige muito tempo para se produzir".

E, embora todos os artistas interessados considerem importantíssima a volta dos salões, uma questão comum levantada por eles foi a respeito de como se daria o novo evento; se aconteceria como nos últimos salões, com um caráter mais didático e de discussão da arte visual no Brasil; se seriam retomadas as características do certame como nos primeiros salões: ou se seria procurada uma solução alternativa para um novo salão de artes.

I Salão: Grupo Vanguarda

Havia em Campinas, antes do Salão de Arte Contemporânea, o Salão de Belas Artes, destinado principalmente à arte acadêmica. Mas, nesse período, um importante movimento renovador estava ocorrendo em todos os campos artísticos do País, e, em Campinas, o Grupo Vanguarda, iniciado em 1958, um grupo de artistas plásticos campineiros que já vinha se destacando fora da cidade, tentava abrir espaço na arte local para um novo conceito estético, para uma nova visão das artes plásticas. E na Galeria Aremar, - por onde já haviam passado os trabalhos dos concretistas de São Paulo - aconteciam as exposições do Grupo Vanguarda.

E também havia a pessoa disposta a ampliar o campo de atuação da chamada arte de vanguarda, a então Secretária da Educação e Cultura, professora Jacy Milani, que, em reunião com os artistas plásticos locais, decidiu pela criação do Salão de Arte Contemporânea. A consequência imediata dos salões foi a formação do acervo, com a maioria das obras provenientes de prêmios-aquisição, e a criação do Museu de Arte Contemporânea. Campinas era a primeira cidade, que não uma capital, a sediar um salão de arte contemporânea de âmbito nacional.

Abertura

Bernardo Caro, artista plástico de destaque, que em 64 ingressou no Grupo Vanguarda como gravurista, atualmente chefe do Departamento de Artes Plásticas da Unicamp, entende que o Grupo Vanguarda quebrou com o padrão existente, dando uma nova abertura às artes plásticas de Campinas; "o que levou, através da atuação da professora Jacy Milani, à criação do Museu e, conseqüentemente, ao I Salão de Arte Contemporânea de Campinas, realizado na antiga sede, na avenida da Saudade. A preocupação maior era dar o incentivo à artes plásticas e abrir novas perspectivas para os jovens através da participa-

ção oficial nos dois salões realizados pelo Museu - o Salão Nacional e o Salão do Artista Jovem, do qual fui membro de júri".

Além dos salões de arte contemporânea, a Secretaria de Educação e Cultura, que em 1975 se desmembrou em duas secretarias, organizou outros dois salões: o Salão do Artista Jovem (quatro salões de 68 a 72) e o Salão Nacional de Arte Fotográfica (seis salões de 67 a 72). "Como consequência do próprio trabalho do Grupo Vanguarda, prosseguiu Bernardo Caro, com as suas exposições, principalmente na galeria de Arte do Centro de Ciências Letras e Artes e na Galeria Aremar, o público campineiro já se sentia estimulado a

visitar o referido salão, visto que a cobertura da imprensa local e nacional foi a mais efetiva possível. Foi um momento de grande explosão cultural, que nas edições seguintes tornou-se um dos maiores eventos artísticos nacionais, depois da Bienal Internacional de São Paulo. Isso pela sua própria abertura de alta vanguarda e experimentalismo, o que não acontecia no Salão Paulista de Arte Moderna ou no Salão Nacional do Rio de Janeiro".

Categorias

Os primeiros salões de Campinas, embora dirigidos para os trabalhos de vanguarda, ainda seguiam um modelo formal com a divisão em categorias rígidas-pintura, escultura, arquitetura, gravura, etc. - e com os tradicionais prêmios consagratórios. Mas já a partir do IV Salão, eram notadas tentativas de avanço. Segundo a apresentação deste salão, de autoria de Aracy Amaral,

percebem-se as mudanças que viriam nos salões seguintes: "Não falta muito tempo para que um "salão" não mais subsista no sentido convencional de obras penduradas ou dispostas ao longo de uma determinada área, percorrida comportadamente por visitantes quase indiferentes aos objetivos e processos, segundo os quais os criadores dessas peças as realizaram, no sentido artesanal, ou as conceberam, do ponto de vista mental". (...)

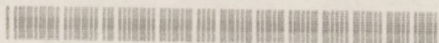
No nível das Bienais

Para Bernardo Caro, a evolução dos salões foi uma evolução ao mesmo nível de arrojo das próprias Bienais internacionais, com a presença dos artistas e críticos mais importantes do País. "A tal ponto, diz ele, que não podemos concluir se o salão de Campinas era o laboratório do artista para enfrentar a Bienal de São Paulo ou vice-versa".

O crítico Roberto Pontual tinha a mesma opinião, chegando a considerar o Salão de Arte Contemporânea de Campinas como o único com critérios realmente de vanguarda.

Segundo Dione Tibiriçá, com o tempo percebeu-se que a arte não podia ser catalogada em categorias, quando foram abolidas as sessões, a partir do V Salão, em 1969. "Até então, explica, o júri era escolhido pelos artistas ou pela própria Secretaria de Cultura. Depois, os próprios críticos escolhidos pela secretaria passaram a planejar o Salão. Foi quando os artistas passaram a ser convidados. Os críticos se reuniam em Campinas e faziam um organograma do salão - foi o primeiro

Salão a apresentar essa abertura, pois os críticos eram de vanguarda, o que dava a possibilidade de se ver as obras dos grandes artistas".



Mudanças

A partir do IX Salão "O Desenho Brasileiro", as modificações referentes à organização do Salão passaram a ser mais radicais. A esse respeito, em artigo de abertura do IX Salão intitulado "Justificativa do Salão", os críticos Márcio Sampaio, Olívio Tavares de Araújo e Roberto Pontual afirmavam: "Havia à nossa frente duas opções. Uma, a abertura radical, que suprimisse o lado competitivo do certame, enfatizasse as pesquisas de vanguarda e transformasse o 9º Salão numa promoção experimental. Outra, a opção documental, não no sentido nostálgico de uma arte vivida e acabada, mas sim no de aprender e demonstrar a vitalidade de um setor ora emergente na arte brasileira. Isso significava, também, a tentativa de recondução à mostra de alguns nomes mais ou menos ausentes, cuja obra faz parte dessa vitalidade e deve ser vista amplamente. A segunda opção pareceu-nos melhor, em função do caráter necessariamente informativo e didático de que se deve revestir um salão nas condições específicas de Campinas".

Para este Salão foram convidados 21 artistas e outros 56 foram selecionados, sendo que ele deixou de acontecer na antiga sede, na avenida da Saudade 1004, para ocorrer no 3º andar da Prefeitura Municipal. O salão seguinte, o X Salão, seria o início de acirrada polêmica surgida a partir da maneira com que estavam sendo conduzidos os salões de Campinas.

Maturidade

A principal alteração deste salão, de tema "Arte no Brasil - Documento/Debate" foi a eliminação do sistema inscrição-seleção-premição, substituído pelo convite a 12 artistas brasileiros, feito pelos críticos convidados pela Secretaria de Cultura para a coordenação do Salão.

No entender dos críticos de arte Aline Figueiredo, Aracy Amaral e Frederico Moraes, os artistas convidados estavam em plena maturidade artística, além de se caracterizarem "pela atualidade no contexto brasileiro, uma abrangência em termos territoriais, assim como a diversidade das tendências vigentes". Na introdução do catálogo do X Salão, feito pela Secretário de Educação, Cultura, Esportes e Turismo da época, professor José Alexandre dos Santos Ribeiro, a explicação de que "o nosso X Salão de Arte Contemporânea consiste basicamente na apresentação de uma série de dispositivo (slides) que mostram a evolução da obra de cada artista (o documento), com a presença dos artistas, para debaterem suas obras com o público, interessado em penetrá-las (o "Debate")".

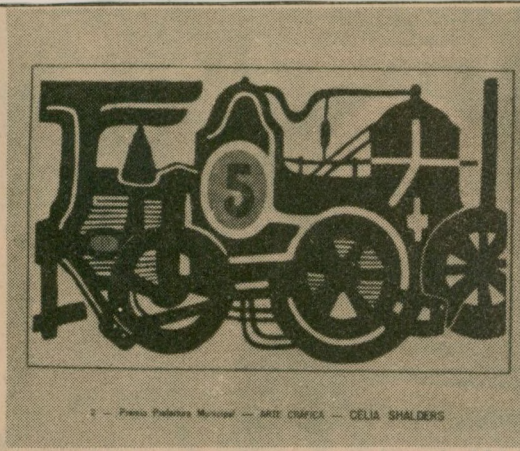
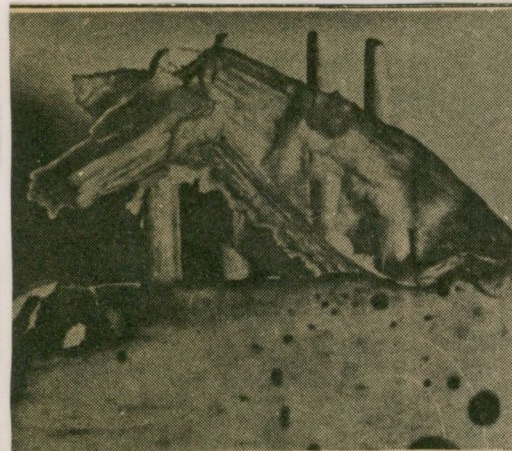
Início do fim

O Salão de Arte Contemporânea acabou por se tornar, como queriam os responsáveis pela organização do evento, uma exposição itinerante, percorrendo alguns museus de des-

taque do País (MAM do Rio de Janeiro, Pinacoteca do Estado de São Paulo e Sala de Exposições do Setor de Difusão Cultural em Brasília) e promovendo debates nos vários locais de apresentação com a presença dos 12 artistas (entre eles o artista plástico Mário Bueno do Grupo Vanguarda de Campinas).

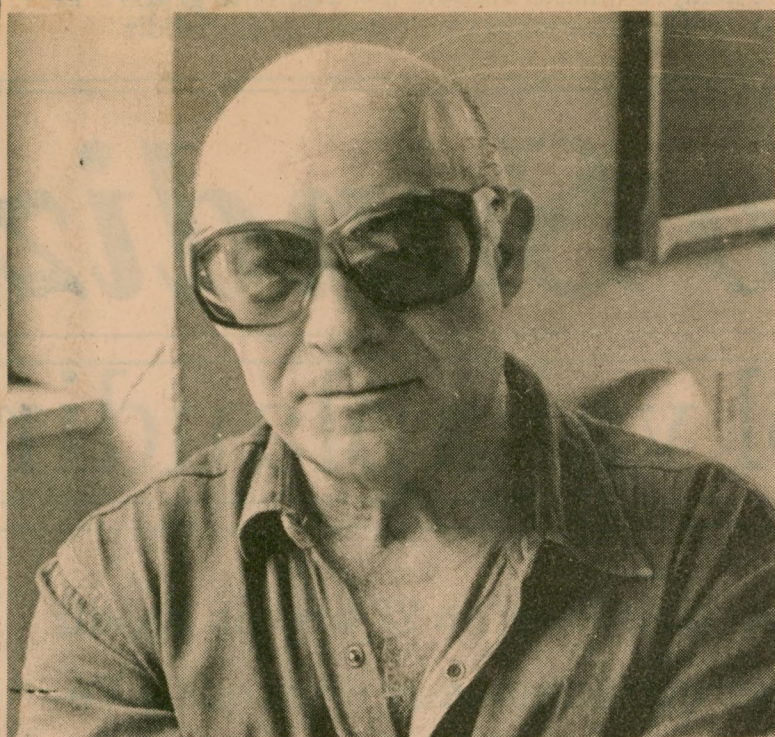
Em 1976, o Salão de Arte não aconteceu e foi substituído pela mostra "Volpi: A Visão Essencial", comemorando a inauguração da atual sede do MACC, atrás da Prefeitura, hoje denominada Museu de Arte Contemporânea "José Pancetti".

A respeito do X Salão, o artista Bernardo Caro afirma: "Com o X Salão se inicia a derrocada dos Salões em Campinas, onde não havia o direito democrático de cada interessado enviar suas obras para serem julgadas e selecionadas. Isto porque os próprios críticos convidaram os 12 artistas, que na opinião deles eram os artistas representativos da arte brasileira no momento, barrando a oportunidade principalmente para os jovens, que têm no salão de arte a única abertura de poder ter a sua obra analisada por um crítico de arte ou alguma autoridade especializada. Acredito que esses eventos de grande importância podem e devem ser realizados, porém, paralelamente ao grande salão, nunca fazendo com que destruíssem uma das grandes obras, fruto do trabalho do Grupo Vanguarda e da visão e coragem da professora Jacy Milani".



Obras que participaram dos Salões, estarão na exposição do MAC, a partir do dia 15

OS CÉLEBRES Salões de Arte podem voltar à cidade: Thomaz Perina apóia os critérios das últimas exposições. Diário do Povo, Campinas, 12 fev. 1984.



Perina foi um dos criadores do Grupo Vanguarda

Thomaz Perina apóia os critérios das últimas exposições

O artista plástico Thomaz Perina, um dos criadores do Grupo Vanguarda, acha que a retomada das características de certame para os salões de Arte Contemporânea, caso eles voltem a se realizar, seria um retrocesso, e diz que esse modelo está desaparecendo mesmo nas Bienais.

"O salão tem que atuar no sentido de informação, tem que ser didático. Eu apóio inteiramente os critérios dos últimos salões. No caso dos artistas escolhidos, não foi escolhido o melhor, foi escolhido um representante que estava à altura... E o critério foi importantíssimo. Não acho que deva ser jogado na mão dos artistas a estruturação dos salões, a estruturação cabe à administradores. Foi uma comodidade da Secretaria de Cultura não ter responsabilidade com o Salão de Arte de Campinas, a partir do último salão".

Em 1977, viria o último salão realizado em Campinas, o XI Salão, cujo tema foi "Política e Processos de Amostragem da Arte".

Coordenado pelo diretor do MACC, professor Fábio Magalhães e pelo crítico de arte Roberto Pontual, o salão foi dividido em dois setores de atividades: seminário

sobre o tema do Salão, com a presença de 10 especialistas que trataram de assuntos diversos relacionados ao tema central; e, em segundo lugar, um conjunto de "Propostas de Intervenção Urbana", com a montagem, nas escadarias do Centro de Convivência, de uma feira popular de frutas e legumes vendidos a preço de atacado, que serviria de motivo para trabalhos dos artistas presentes.

— Depois do último salão - explica Bernardo Caro - o Secretário de Cultura da época, o atual prefeito José Roberto Magalhães Teixeira, deixou que os artistas de Campinas fizessem uma nova proposta em termos de salões de arte.

Mas nas reuniões realizadas, as opiniões eram bastante contraditórias, principalmente entre um grupo de jovens e os chamados veteranos. Os veteranos deixaram, então, aos jovens, a organização do novo salão de arte. Consequentemente, não conseguiram levar adiante a proposta, para, em seguida, com a mudança de secretário, não haver mais nenhum interesse dos responsáveis pela Secretaria de Cultura ou do próprio Museu de Arte, pela promoção do Salão.